



## “O POÇO”: A SOCIEDADE VERTICAL COMPARTIMENTALIZADA E A ESCOLA

“THE WELL”: THE COMPARTIMENTALIZED VERTICAL SOCIETY AND THE SCHOOL

DOI: [10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1298-1313.id710](https://doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1298-1313.id710)

### Ana Lara Casagrande

Doutora em Educação

(UNESP/Rio Claro).

Professora na Universidade

Federal de Mato Grosso

(UFMT/Cuiabá).

[analaracg@gmail.com](mailto:analaracg@gmail.com)

**Resumo:** Neste texto apresentamos uma interpretação acerca do filme espanhol “El hoyo”, em Língua Portuguesa: “O poço”, por meio do método fenomenológico. A personagem central, Goreng, é construída por meio de signos em uma representação dos seres humanos que se indignam com as injustiças de um sistema classista, desigual e combinado. Nessa analogia, somos convidados a refletir sobre a legitimidade das ações de força e coerção no âmbito do conflito dramático no qual estão inseridas, de construção de algo diferente à lógica estabelecida. O objeto que a personagem escolhe para acompanhá-lo na jornada é um livro, “Dom Quixote”, escrito por Miguel de Cervantes, que narra as desventuras do pequeno fidalgo castelhano que perde o juízo. Traçamos um paralelo com a sociedade neoliberal e com a escola própria deste tempo. Em uma sociedade verticalizada, a liberdade é sobreviver? Não buscamos trazer respostas de como a obra deve ser tangenciada, mas o que nos ocorreu ao imergir nela.

**Palavras-chave:** Verticalização. Desigualdade. Sistema socioeconômico. Escola.

**Abstract:** In this text we present an interpretation of the Spanish film “El hoyo”, in Portuguese called “O poço”, through the phenomenological method. The central character, Goreng, is constructed by means of signs in a representation of human beings who do not accept the injustices of an uneven and combined class system. In this analogy, we are invited to reflect on the legitimacy of actions of force and coercion within the dramatic conflict in which they are inserted, of building something different to the established dynamics. The object that the character chooses to accompany him on his journey is a book, “Don Quixote”, written by Miguel de Cervantes, which narrates the adventures of the little nobleman from Castilla La Mancha who loses his mind. We draw a parallel with neoliberal Society and with the school from that time. In a vertical society, is freedom to survive? We do not seek to provide answers as to how the work should be interpreted, but what happened to us when we immersed in it.

**Keywords:** Verticalization. Inequality. Socioeconomic system. School.



## 1 INTRODUÇÃO

Neste texto promoveremos uma interpretação do filme espanhol “El hoyo”, “O poço” traduzido para a Língua Portuguesa, dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia, produzido e distribuído pela plataforma de streaming Netflix. Utilizaremos o método fenomenológico, no qual a realidade é o interpretado, assim, não há uma realidade, mas realidades, tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações (BICUDO, 1994). Na análise interpretativa, enfatizaremos os seguintes temas: sociedade dividida em classes e organização socioeconômica baseada na propriedade coletiva, bem como pensaremos nos impactos para a escola. Evidenciaremos a maneira com que o personagem central sai da sua condição de privilégio e busca fazer com que todos tenham acesso à comida, posto que o conflito central se dá em torno dessa decisão e a ela será dada uma atenção especial na medida em que exige de nós, no momento da interpretação, um foco nesse propósito do mensageiro, que compõe o fio condutor da obra.

Pensaremos em como a decisão de fazer justiça se apresenta para o personagem central como uma missão, “você é o Messias?” ele ouve em determinado ponto da jornada. A intertextualidade com essa figura implica a identificação com Jesus Cristo (como católicos e protestantes, por exemplo, identificam o Messias). Para os judeus, o Messias seria um rei descendente de Davi – o qual reinou na antiga Israel entre 1000 a.C. e 962 a.C. – com a missão de livrar os israelitas da opressão estrangeira e implantar um mundo justo. Tal relação exige do espectador a capacidade de interpretar a função da alusão em questão. Esse procedimento é importante no filme porque corrobora com o processo de associação entre querer que todos se alimentem e o mártir que age em conformidade com a vontade de Deus.

Querer que todos comam, a noção de preocupação com o outro, torna-se ousado em um espaço que naturaliza a desigualdade, o individualismo e a sobrevivência. Nesse sentido, vale tudo, vale?, inclusive para promover a saciedade por comida. O Messias é bom o tempo todo? O protagonista e seu parceiro agirem com violência, agredindo e matando pelo seu propósito faz com que, em alguns momentos, façamos intertextualidade explícita com o trecho bíblico: “Foi bom para mim ter sido castigado, para que aprendesse os teus decretos” (Salmos, 119:71). O que se impõe aqui, em verdade, é a ideia de coerção para mudar uma estrutura enraizada, para um devir de sociedade ideal, para o enfrentamento da atual Administração. Há solidariedade espontânea? Somos convidados a refletir em determinado ponto do filme em tela, quando apresenta a assertiva: “As mudanças nunca acontecem de forma espontânea”.



Somos convidados, com essa obra, a pensar sobre o sistema econômico, mas também no que fazemos dentro dele, como contribuímos para que essa engrenagem seja lubrificada para pleno funcionamento. Pensar sobre a sociedade neoliberal é importante para dimensionarmos com que tipos de peças (e o modo como) estamos lidando e, enquanto professores, como significamos isso em nossa prática pedagógica.

O desfecho é carregado de possibilidades de leitura, não tem compromisso com uma conclusão definitiva. O plano de efeitos das luzes sobre o personagem principal abrange desde o desencarne (deixar a carne) até o *delirium* (estar fora de si), isso porque assistimos de um centro fixo, vinculado necessariamente à experiência do protagonista. Dessa maneira, enfatizamos que a obra traz possibilidades interpretativas, logo, não há neste texto uma mensagem sobre o que é certo entender a respeito da mesma. Pode haver 333 possibilidades, vezes dois. Em seguida, alguns delírios/algumas razões sobre uma obra instigante.

## **2 UMA NARRATIVA PERTURBADORA: UMA MENSAGEM PARA PENSARMOS A SOCIEDADE ATUAL, A ESCOLA E OUTRA(S) POSSIBILIDADE(S)**

No início do filme há uma cena em que aparecem os trabalhadores de um restaurante cozinhando sob a inspeção/supervisão de um *maitre*, que faz um rígido controle de qualidade. Em cena posterior, essa pessoa alude a ter encontrado um fio de cabelo na comida e busca em uma inspeção de qual dos funcionários seria o fio. Isto é, há um rigor no preparo da comida, o que nos leva a pensar que quem tem o privilégio de comer inicialmente, deve fazê-lo no mais alto nível.

O cenário é um ambiente quadrado com um furo igualmente quadrado no meio, pelo qual corre uma plataforma, levando comida de cima para baixo. Muitas pessoas foram levadas a traçar um paralelo com a sociedade neoliberal, que, conforme Dardot e Laval (2016, s/p) descrevem no prefácio à edição brasileira de seu livro “A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal”, não se trata apenas de uma ideologia ou política econômica: “É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida”. Isso porque diversos diálogos, como: “Às vezes é bem fácil. Às vezes, bem difícil. Depende do seu nível” ou “O que vamos comer? É óbvio. As sobras do pessoal lá de cima”, remetem a um paralelo crítico com a dinâmica da nossa realidade social desigual.

Um dos personagens centrais para a trama, que aparece como o primeiro prisioneiro do poço, afirma: “Há três tipos de pessoas, as de cima, as de baixo e as que caem”. Nos níveis de



cima, pode-se comer o quanto quiser e como há uma aleatoriedade de qual será o nível do próximo mês, as pessoas efetivamente esbanjam, comem mais do que seria necessário para a sua subsistência. As pessoas de cima se beneficiam de uma boa comida, preparada com zelo e servida a partir do nível 0.

A trama tem início no nível 48: Goreng (interpretado pelo ator Iván Massagué) se apresenta para Trimagasi (Zorion Eguileor), o primeiro personagem se voluntariou para entrar no poço, porque objetivava parar de fumar e ler “Dom Quixote”. O segundo, fixado em sua palavra: “óbvio”, estava no poço há mais tempo, por um assassinato culposo. É uma personagem que consegue, ao longo da narrativa, surpreender por meio de ações e sua psicologia densa. Nos diálogos, as falas encerradas com esse adjetivo mostram que as conclusões às quais o interlocutor de Trimagasi chega, para ele, já são evidentes.

Inicialmente, Goreng diz ter nojo quando vê descer a plataforma com os restos de comida que chegaram ao seu andar, ele se recusa a comer as sobras: “Isso é nojento. Essa comida já foi comida”. Com o passar dos meses (pois ficam um mês em cada andar) ele se adapta ao lugar, pega a sua almofada e entra na lógica de seguir a sua natureza primitiva. Remetemo-nos à obra “A metamorfose”, de Franz Kafka, na qual o caixeiro-viajante Gregor Samsa, um dia acorda metamorfoseado em um enorme inseto. O que mais chama a atenção é o fato desse personagem continuar agindo naturalmente ao animalizar-se e ter como primeira preocupação o atraso no trabalho.

Podemos pensar no desenvolvimento pessoal como um processo de aprimoramento das capacidades de agir, pensar, atuar sobre as circunstâncias que se apresentam, bem como atribuir significados e ser percebido e significado pelos outros, situar-se, consentir e pertencer. Há inúmeros mecanismos que estão a serviço desse desenvolvimento, que coincide com a construção da identidade, a principal delas é a limitação nas escolhas. Será mesmo que o homem tem autonomia e consegue constituir uma identidade nas circunstâncias de subsistência? De coerção? Será que as políticas de subjetivação são insignificantes quando pensamos no modo como nossos corpos e atos estão sendo moldados pela cultura?

Se analisarmos a cultura a partir do pensamento de Arendt (2009), veremos que existem dois tipos: a cultura como fenômeno do belo e a cultura de massa. A última se reforma constantemente e é algo contemporâneo, ligado aos meios de produção da atual da sociedade. A cultura vista como fenômeno do belo seria algo mais amplo, pois consegue sobreviver por longo tempo, sem perder seu valor de beleza, mas também está em crise, pois quando utilizada para um fim específico, perde seu objetivo, que seria a apreciação do belo; por assim dizer,



torna-se uma ferramenta que apenas serve ao “falso culto”, o que faz com que se perca a essência da cultura.

A grande questão é que, para se atingirem as finalidades postas por forças que agem no comando socioeconômico, a cultura é utilizada no jogo dos interesses dominantes. Atualmente, percebemos que a cultura está fortemente ligada ao consumo, sobretudo de produtos de multinacionais e marcas globalizadas. Com o advento da *internet* surge a possibilidade do consumo por meio de um clique, as informações do cartão ficam salvas para agilizar a compra. É prático, é rápido, o consumo é facilitado, mas não são mudadas as circunstâncias que determinam as condições econômicas díspares. A propaganda está diluída nas postagens nas redes sociais de pessoas que são seguidas por milhares de outras. Adiante retomaremos a questão do *marketing* na sociedade contemporânea.

Caso alguém burle o sistema e fique com algum alimento, a temperatura cai vertiginosamente ou sobe, “varia”, conforme Trimagasi explica. Estar em disciplina para não sofrer sanções faz com que lembremos que os procedimentos operatórios objetivam marcar e majorar as forças do corpo, sequestrado nas instituições disciplinares, num sentido dócil e útil (FOUCAULT, 2002). Notamos que a coerção leva à obediência e tem um papel fundamental no controle dos comportamentos. Gramsci (1975) desenvolve bem a ideia sobre os processos consensuais de direção e dominação, ressaltando a complexidade das funções do Estado, que tem órgãos depositários da função de coerção, como a polícia. Mas a coerção atinge o seu máximo, quando adentra a área da sociedade civil e se processa o consenso, a adesão à existência de determinada ordem social, de maneira que a hegemonia opera “por um equilíbrio entre a força e o consenso” (GRAMSCI, 1975, Q1, § 48, p. 59).

Cada pessoa pode escolher um objeto para levar ao confinamento. Goreng levou o livro que desejava ter tempo para ler, “Dom Quixote”, escrito por Miguel de Cervantes, composto por 126 capítulos, divididos em duas partes. Em uma sociedade da produtividade, que não para, não parece, à primeira vista, descabida a ideia.

Trimagasi, que passou pelos andares 72, 26, 78, 43, 11, 79, 32, 8, 132, 48, levou a sua faca que se autoamolava, cujo corte não se perdia ainda que cortasse um tijolo, a Samurai-Plus, e está em consonância com o que outras pessoas escolhiam, como: espadas, armas brancas as mais variadas, entre outros, objetos que permitam defender-se dentro do poço. A propaganda, o *marketing*, inclusive, é o que leva este personagem ao seu crime. Ele diz que os detalhes o fizeram perder a cabeça. Ele joga a televisão pela janela, em um ataque de fúria em função de



uma compra frustrada, que bate na cabeça e mata sua vítima. Podemos pensar no papel do *marketing* e como ele influencia, efetivamente, a vida das pessoas pelos detalhes.

Castells (2015), ao abordar o que chama de capitalismo informacional, enfatiza que hoje, ainda mais, informação é poder. O poder está mais na esfera digital, em sua ótica, por conta das informações que circulam no espaço digital. Há críticas ao autor, acusado de fugir da realidade concreta e prender-se ao virtual por parte de quem ainda enxerga a ampla dependência do capitalismo industrial. No entanto, a ideia do autor é relevante para pensarmos os *Analytics* e a ideia de como a utilização desses dados e análises dos clientes reverberam nas vendas. *Quando pesquisamos algo e recebemos anúncios na sequência sobre produtos relacionados àquele, damos-nos conta de que os nossos desejos de consumo são monitorados e não se pode ignorar o fato de que informação é poder. Ora, se foi feita uma pesquisa sobre uma determinada máscara capilar na internet e depois foram disponibilizadas várias opções à pessoa, a chance de venda de produtos dessa natureza é dilatada. Saber que você procura algo, permite que se venda mais.* Quanto mais dados o *marketing* tem sobre nós, mais ele consegue vender, por isso essa forma de poder gera fascínio pelo consumo e fortalece a sociedade do consumo. Baudrillard (2008) entende que os discursos publicitários são democráticos, uma vez que são disponibilizados a todos os sujeitos, tenham ou não poder socioeconômico na aquisição dos produtos anunciados.

Goreng busca, inicialmente, um diálogo com os que estão abaixo deles e é chamado de comunista pelo primeiro companheiro de cena do filme. As ideias do que seja o comunismo remetem a uma ideia pejorativa, bastante difundida (como se pode observar com a popularizada expressão “socialista de *Iphone*<sup>1</sup>”), que resulta na crítica direcionada a quem defende uma organização social e econômica baseada na propriedade coletiva dos meios de produção, mas consome bens tecnológicos, como se fossem coisas incompatíveis. Em “Crítica ao programa de Gotha”, escrita em 1875, Marx (1999, p.22) não nega a necessidade de os trabalhadores desfrutarem de conforto material em uma sociedade comunista, bem como reconhece os desafios da transição a partir de uma sociedade capitalista “e que, portanto, apresenta em todos os seus aspectos, no econômico, no moral e no intelectual, o selo da velha sociedade de cujas entranhas procede”.

Uma personagem importante é Miharu, a moça que desce na plataforma junto com a comida/louças da refeição, supostamente, em busca do filho. Supostamente, pois adiante outra

---

<sup>1</sup> Aparelho smartphone que funciona com o sistema operacional móvel da iOS, produzido pela Apple.





companheira de andar, que trabalhou no recrutamento por muitos anos, entrevistando os que entravam no poço, afirmou que nunca ingressou uma criança sequer, que a Administração era rígida em não permitir pessoas menores de 16 anos, que ela entrara sozinha, levando o espectador a cogitar a hipótese de ser um delírio, uma obsessão criada em meio aos caos da torre.

“No poço todos são livres para escolher, ela escolheu descer”, afirma Trimagasi. Essa ideia de que podemos escolher em uma estrutura rígida de desigualdade é amplamente difundida em nossa sociedade atual, na sociedade neoliberal. Hayek (2010), teórico dessa corrente, defende a possibilidade de se aplicar os ideais do liberalismo econômico do século XIX no século XX, aperfeiçoadamente, pois a liberdade do indivíduo, para o autor, continua sendo a única política que conduz ao progresso.

A liberdade de escolha do indivíduo seria, então, para Hayek (2010), o ponto central da doutrina liberal. Assim, afirma que “onde exista a concorrência efetiva, ela sempre se revelará a melhor maneira de concorrência, de orientar os esforços individuais”, ou seja, acredita que a concorrência “é o único método pelo qual nossas atividades podem ajustar-se umas às outras sem a intervenção coercitiva ou arbitrária de autoridade” (HAYEK, 2010, p. 58). O que o autor considerou o ponto prejudicial da causa liberal, foi a obstinada insistência de alguns liberais em certas regras, a que chama de primitivas, como o princípio do *laissez-faire*, que implica na ação da iniciativa privada na economia sem qualquer interferência do Estado. Nesse sentido, considerava que “em nenhum sistema racionalmente defensável seria possível o Estado ficar sem qualquer função” (HAYEK, 2010, p.60).

A atividade estatal teria, então, segundo Hayek (2010), um vasto e indisputável campo nos serviços que oferecem vantagens para a sociedade, mas cujo lucro não compense os gastos de qualquer indivíduo ou pequeno grupo de indivíduo. Apesar de definir tal princípio como prejudicial à causa liberal, Hayek (2010) o considera inevitável, defendendo que a tentação de apresentar a forte convicção sobre a liberdade na área industrial como uma regra sem exceções teria sido grande demais para ser evitada. Friedman (1984, p.23) partilha da crença de que a defesa de um mercado livre não implica na eliminação da necessidade do Estado, o autor diz que “um governo é essencial para a determinação das ‘regras do jogo’ e um árbitro para interpretar e pôr em vigor as regras estabelecidas”.

Para Friedman (1984, p.31/32), o papel básico do governo em uma sociedade livre seria o de “prover os meios para modificar as regras, regular as diferenças sobre seu significado, e garantir o cumprimento das regras por aqueles que, de outra forma, não se submeteriam a elas”.



Esse autor considera óbvio que o Estado tenha funções claramente limitadas e não se envolva em uma série de atividades em nome da preservação da liberdade (FRIEDMAN, 1984). No mesmo sentido, Hayek (2010) acredita que os pressupostos de uma economia dirigida, planejada, são inadequados, por serem limitadores da liberdade individual, ao inibir a competição possível no âmbito do mercado, uma competição que seria necessária e suficiente para o exercício da liberdade individual. Ao Estado cabe garantir que os indivíduos possam “abrir caminho pelo próprio esforço” (HAYEK, 2010, p. 127).

Dardot e Laval (2016, p.282) explicam que não se trata, então, de uma retirada do Estado, pois são os recursos do Estado que os governos “em nome de uma concorrência que eles mesmos desejaram e de uma finança global que eles mesmos construíram, conduzem políticas vantajosas para as empresas e desvantajosas para os assalariados de seus países”. Disseminar a ideia de que todos concorrem em iguais condições, é imprescindível para gerar a adesão ao discurso neoliberal, porque produz um efeito de justiça.

Ao mostrarem as armadilhas desse discurso, Dardot e Laval (2016) argumentam sobre a questão da concorrência:

É como se a disciplina neoliberal, que impõe retrocessos sociais a grande parte da população e organiza uma transferência de renda para as classes mais afortunadas, supusesse um “jogo de máscaras” que possibilite que se jogue sobre outras instâncias a responsabilidade pelo desmantelamento do Estado social e educador mediante a instauração de *regras de concorrência em todos os domínios da existência* (DARDOT; LAVAL, 2016, p.282).

Dentro dessa lógica, o centro econômico, jurídico e político não mais é o Estado nacional, pois se tornou “planetário” – adjetivo utilizado pelos organismos internacionais, como o Banco Mundial, que operam com o dogma da “estabilidade econômica e o corte do *déficit público*” (CHAUÍ, 2000, p.31). A ciência e a tecnologia, então, transformaram-se em forças produtivas, passando de suporte do capital para agentes de sua acumulação (CHAUÍ, 2000).

Logo, a educação não fica alheia a esse processo. Na década de 1990, no Brasil, há a indicação de retirada do Estado no trato da questão social e de fortalecimento do setor privado, com sua dinâmica de satisfação do usuário (cliente, consumidor), como referência de qualidade. Nesse período, inclusive, houve uma expansão do ensino superior privado, tanto que na gestão do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) não foi criada nenhuma universidade pública. A situação do crescimento de matrículas no ensino superior privado não ficou restrita ao governo FHC, foi muito expressivo ao longo das últimas quatro décadas, de modo que, em 2014, 75% das matrículas no ensino superior brasileiro foram feitas em empresas privadas de educação e 87, 4% das instituições de ensino superior eram dessa natureza (NAPOLITANO,





2017). Segundo Napolitano (2017, p.24), fica claro que os parâmetros do modelo educacional brasileiro “estão em ampliar o mercado para empresas de educação particular e tornar o setor atraente para investimentos”.

Recentemente, a proposta de reformulação do Ensino Médio brasileiro, iniciada com a Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016 (aprovada e transformada na Lei nº 13.415/2017) mostra que as parcerias com o setor privado continuam como alternativa para o setor público. A Lei nº 13.415/2017 determina que a disposição curricular seja formada por uma BNCC, norteadora dos currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino do país e itinerários formativos, definidos como o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho que aprofundem uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da Formação Técnica e Profissional (FTP) (BRASIL, 2017, art. 4º). Sobre a FTP, afirma-se que considerará: a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, *estabelecendo parcerias* e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional; a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade (BRASIL, 2017, art. 4º). O problema dessas parcerias é que pessoas não habilitadas para o ensino atuarão na educação dos nossos jovens. Instaura-se, então, uma preocupação com o estabelecido legalmente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de que a formação de docentes para atuar na educação básica dar-se-ia em nível superior, em curso de licenciatura plena<sup>2</sup> (BRASIL, 1996, art. 62).

Ainda tratando do Ensino Médio, etapa em visibilidade devido à reforma abordada, fala-se em flexibilização curricular para que os jovens tenham opções. Laval (2004) alerta que o novo ideal pedagógico está ligado à formação de trabalhadores autônomos e indivíduos flexíveis, uma necessidade da sociedade globalizada. Dessa maneira, devemos entender que um currículo escolar não surge por acaso, ele se materializa em um documento, mas vai além, encerrando as finalidades da formação da pessoa que se espera da escola. Apple (1999, p.24) considera fundamental refletir sobre “o conhecimento que transmitimos, as relações sociais que dominam as salas de aula, a escola como mecanismo de preservação e distribuição cultural e econômica e, por fim, nós próprios, enquanto pessoas que trabalham em tais instituições”. Isto

---

<sup>2</sup> Admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.



é, não apenas sobre a formação pretendida, mas a própria educação deve ser compreendida em conexão “com as relações de dominação e exploração da sociedade mais ampla” (APPLE, 1999, p.31).

Oras, se temos uma sociedade neoliberal, temos uma escola que não fica alheia ao contexto no qual está inserida. No entanto, a contradição está no fato de a escola ser a única instituição capaz de “abrir os olhos” para enxergar criticamente essa desigualdade, que foi paulatinamente naturalizada, com o suporte de vários elementos discursivos, como a questão da meritocracia. Ao abordar as contradições da escola neoliberal, o sociólogo francês Laval (2004) afirma que não se pode dizer que a escola apenas reproduz, pois houve resistência, isto é, a ideia de disseminação da competitividade e do mercado como modelo não foram aceitos com facilidade, há ainda por parte de muitos a referência ética e política em uma escola centrada na cultura, na transmissão de um patrimônio e nos propósitos emancipadores do conhecimento. Se há uma gestão com um propósito de educação como bem essencialmente privado, é importante pontuarmos que há também outra visão e que luta para fazer-se presente nas escolas públicas.

A unidade gestora do poço, a Administração, que não se apresenta materialmente na obra, exerce o poder, ditando as regras soberanas do funcionamento do espaço, a saber: os tempos de comer; as temperaturas em caso de transgressão, quando as leis regentes de seu território fossem maculadas; enfim, a vida das pessoas que ali estão é comandada não por elas mesmas. A única coisa que elas realmente possuem é o direito de matar. Com essa forma de operar, isto é “concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no tempo-espaço uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 2000, p.219), dificulta-se o diálogo entre as pessoas das diferentes plataformas e também dentro delas. Inviabilizando que o sistema de mando rua com a comunicação entre os membros da verticalizada estrutura?

Trimagasi é uma personagem que dá início a sua mudança de perspectiva na trama ao amordaçar e prender o companheiro do andar 48, o protagonista da trama, preparando-o, segundo ele próprio, como se faz com o caramujo antes de virar a iguaria refinada conhecida como *scargot*. O ancião promete que cortará o companheiro Goreng em partes e cuidará das feridas. Ele tinha mais dois meses a cumprir de pena. “Eu responsabilizo você pela minha morte, não o pessoal de cima”, afirma Goreng, que tem a coxa cortada, mas é salvo por Miharu, a mulher que desce a plataforma em busca do filho, ela o liberta das amarras e dá a faca de Trigamasi em suas mãos, assim, com este objeto que selecionou para levar à penitência, é



assassinado. Sua carne é comida por Miharuru e por Goreng. Nesse momento, não há mais estranhamento e parece que a humanidade do protagonista foi comprometida pela sobrevivência.

Em seguida, o personagem central passa ao nível 33, no qual divide o quarto com a ex-funcionária administrativa do poço, Imoguiri. Ao cumprir a sua função junto à Administração do lugar, ela perguntava aos “candidatos” sobre alergias, comida preferida, a qual promete que será incluída o menu. O prato escolhido por Goreng foi a iguaria típica da França: *scargots a la bourguignonne* (em determinado momento do filme o prato escolhido chega intacto ao andar em que Goreng se encontra, o que chama a atenção da personagem). A então companheira de andar tem um apurado de justiça, quer desenvolver o que chama de solidariedade espontânea e acredita que se todos comessem o suficiente não faltaria para os que estão os níveis inferiores. Imoguiri também se voluntaria a participar do poço. Apesar de ter sido funcionária, desconhecia sua estrutura de funcionamento. O objeto selecionado por ela foi o seu animal de estimação da raça Dachshund “Basset”, chamado Ramsés II, raça conhecida popularmente como “cachorro salsicha”, devido ao corpo alongado, o que é motivo de ironia por parte de Goreng, ele diz que é bastante irônico a mulher levar este tipo de cachorro para um lugar como aquele. Imoguiri alterna as refeições com Ramsés II, cada dia um deles come. Sua estratégia para desenvolver essa solidariedade é preparar uma ração de comida para que chegue ao nível imediatamente abaixo e pede para que os que nesse andar estão façam o mesmo para aqueles que estão abaixo deles. A ideia é repetida diariamente, até que Goreng usa da coerção para que acatem a ideia, ameaça defecar na comida dos homens do andar seguinte.

Ambos socorrem Miharuru, a mulher em busca do hipotético filho, atriz de cinema, que chega machucada ao 33º andar. Ela mata o cachorro da companheira de cela atual de Goreng e o come. Essa companheira é a ex-funcionária, Imoguiri, que lutou contra o câncer por 3 anos, que se enforcou no andar seguinte para o qual a dupla vai, o 202, e deixou um bilhete dizendo que poderia simplesmente ter se jogado no fosso do poço, mas que a sua última ação seria servir de refeição para ajudá-lo. Aqui o espectador tem contato com uma solidariedade desconcertante. A pessoa que gostaria de ver nascer uma solidariedade espontânea na sociedade em que vivia, provou que “*nada* pode nos eximir da tarefa de promover outra racionalidade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.402), ainda que sua mensagem fique por sua carne e seu sangue.

Os ex-companheiros de cela mortos passam a dialogar dentro da cabeça de Goreng. “Os que comem a minha carne e bebem do meu sangue permanecem em mim”, cita Imoguiri em presença espiritual. O personagem central passa a ter alucinações quando acorda no nível 5 e



encontra o personagem mais importante: o fervoroso Baharat. Ambos se juntam em um plano de garantir que haja comida para todos os níveis, que pelas contas imprecisas de Goreng, contadas pelos segundos que a plataforma demorava para descer, giram em torno de 200 e poucas plataformas. “Não posso fazer isso sozinho, mas juntos podemos”, afirma Goreng. Essa afirmação nos remete à parábola do Grande Inquisidor, de “Os irmãos Karamazov”, de Dostoiévski. Nela, Cristo retorna a Sevilha no século XVI onde o Grande Inquisidor o encontra cercado por uma multidão para a qual fazia milagres. Em determinado momento, o Grande Inquisidor declara sobre a preocupação central daquelas que considera criaturas miseráveis, que consistiria em encontrar algo que possamos adorar e em que todos acreditem e cultuem, sendo a questão absolutamente essencial é que o façam *juntos* (DOSTOIÉVSKI, 2003).

Contrariamente ao que fez Dom Quixote no capítulo VIII do livro, quando ao chegar a uma planície, confundiu cerca de trinta moinhos de vento com gigantes e decide enfrentá-los sozinho. Ao mesmo tempo, estaria Goreng buscando o seu Sancho Pança? Personagem que aceitou acompanhar Dom Quixote sob a promessa da governança de uma ilha, companheiro fiel, que profere incontáveis ditados a todo momento, como a que é pertinente para as discussões empreendidas neste texto: “¿quién puede poner puertas al campo?”<sup>3</sup>.

No meio da missão encarada no poço, Goreng e Baharat precisam usar barras de ferro, da violência, para cumprir o seu propósito de fazer com que as pessoas comam apenas o necessário para que, assim, todos comam. Uma das pessoas do andar inferior questiona: “quem é você, o Messias”? Novamente remetemos à passagem da parábola do Grande Inquisidor, em que esse personagem afirma que o homem nasce rebelde, indisciplinado, ganancioso e preocupado apenas consigo mesmo.

Um sábio, que havia dividido a estadia com Baharat no poço, fala sobre a importância de elaborar uma mensagem e fazer com que ela chegue à Administração (Nível 0) que, segundo ele “não tem Consciência”, a menos que um prato muito apreciado chegue até eles intacto, a sugestão é a *panna cotta*, sobremesa típica da região italiana do Piemonte.

No nível 250, o crente pede ao companheiro “Agente firme”, enfatizando que a luta pelo propósito não poderia ser abandonada. No sentido de promover mudanças na sociedade tal como está formatada, Castells (2015) acredita ser necessária uma política insurgente, revolucionária, a partir de uma mudança cultural.

---

<sup>3</sup> Quem pode colocar limites à liberdade?



A *panna cotta* chega ao nível 333, no qual possivelmente encontram uma criança, uma menina, para quem cedem o consumo da mensagem, iguaria, que até ali Goreng e Baharat haviam protegido. Não se pode ter certeza de que este nível existe, pois o personagem já entrou em um estado de semiconsciência, a criança está limpa e aparentemente nutrida. Ele pode ser simbólico do inferno no qual o personagem principal emerge, isso porque 333 andares na plataforma com duas pessoas em cada um deles faz apologia ao número 666, popular como o número da besta. O trecho do texto traduzido do Codex Alexandrinus do Novo Testamento, das Escrituras Sagradas Judaico-Cristãs, traz: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é número de homem; e seu número é seiscentos e sessenta e seis”. O número extrapolou a religião e foi muito difundido, por exemplo, “The number of the beast” é a faixa musical de um grupo de rock chamado Iron Maiden. A alusão ao número e ao inferno que parece a vida no poço instigam a questionar: o inferno a quem pensa coletivamente? Goreng merecia? O seu pecado foi incentivar a pensar para além de si? Estava cumprida a missão? Aprendida a lição?

“A garota tem um dom”, afirmará o primeiro companheiro que teve no poço, Trimagasi, já como alter ego de Goreng, dado que fala dentro da sua cabeça. Em seu delírio, Goreng entende que a garota é a mensagem. Que mensagem é essa? Renovação? Esperança? Um fazer diferente e novo que vem com a próxima geração? “Sua jornada terminou, caramujo”, enfatizará a voz do companheiro morto a Goreng. “Ela é a mensagem” conclui o protagonista. Sobre esse papel das crianças, Buckingham (2007), proeminente investigador sobre a fala delas, afirma que a criança, em meio às transformações culturais, produz discursos, por meio, por exemplo, dos canais na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*<sup>4</sup> e demais mídias digitais. Mídias digitais, como o *You Tube*, fazem parte de um dos tipos de comunicação estabelecidas por Castells (2015), a autocomunicação de massa. As outras são a interpessoal (com um ou outro indivíduo) e a comunicação de massa (voltada para muitas pessoas). De modo que compreender as mídias não se trata apenas de entender o que se passa na cabeça das crianças, mas de compreender o próprio fenômeno social da atualidade e as suas mensagens.

Sob a hipótese de a criança não existir, ser produto de um delírio, da perda de juízo, como ocorreu com Dom Quixote, e o trabalho dos parceiros Goreng e Baharat ter sido concluído com sucesso quanto a fazer com que a *panna cotta* chegasse à Administração, podemos fechar o *looping* dessa missão com a cena em que o maitre encontra o fio de cabelo na sobremesa e

---

<sup>4</sup> Um exemplo é Mileninha, de 13 anos de idade, nascida em Santa Cruz do Sul, que soma mais de 5 milhões de inscritos em seu canal no YouTube.



busca, dentre os funcionários, quem seria o responsável. Pode levar a pensar que andar 0 entendeu que o doce chegou intacto, dado o escape no controle de qualidade. Dessa maneira, a Administração lê a mensagem de um modo desarticulado do objetivo da dupla que a protegeu durante o decurso da plataforma, devido ao fato de não se importar com a estrutura toda da torre (desdenho pela desigualdade) ou simplesmente desprezar como ela se operacionaliza (alienação). O fato é que a figura do maitre sintetiza o empenho em agradar os privilegiados, definindo padrões nos procedimentos para que eles estejam plenamente satisfeitos.

Observamos que há uma finalidade ideológico-discursiva, pelo espaço de circulação previsto na esfera de comunicação do poço como um todo, sua gestão, os comportamentos, maneiras de agir e pela relação entre cenário, mensageiro, mensagem e destinatário(s) dela. Aludimos, assim, à dimensão econômica, social e humana em face do individualismo e da sobrevivência, para que ela seja compreendida e interpretada, encerrando, ou melhor, deixando abertas, as suas potencialidades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste texto, buscamos analisar a obra “O poço”. Fizemos, então, uma abordagem sobre as principais temáticas extraídas do filme pensando na relação entre elementos teóricos e a forma com que eles representam o sistema social e econômico próprios do neoliberalismo. Não se trata de uma obra unânime, as pessoas tiveram diversas reações nos comentários a seu respeito, o que mostra a sua riqueza artística. Assim, não pretendemos dizer que as considerações aqui são as interpretações adequadas, até porque é um atentado contra a própria produção tentar encerrar um ponto de vista quando ela própria deixa possibilidades abertas. Talvez tenhamos uma contemporânea versão machadiana, e em outro gênero, da relação entre Bentinho e Capitu<sup>5</sup>.

Feitas as análises, podemos chegar à seguinte conclusão: o personagem principal tem a ideia de compartilhar a comida de maneira que todos comam, o que induz a associar com a ideia de um Messias, uma vez que sem ela não consegue gozar do privilégio de estar no melhor andar em que esteve, com acesso à comida farta, como seria uma alternativa a sua narrativa. Quando questionamos qual o limite para levar o seu propósito a cabo, somos confrontados a pensar nos

---

<sup>5</sup> Referência ao romance escrito por Machado de Assis, publicado em 1899, no qual a narração em primeira pessoa por pelo personagem principal Bento de Albuquerque Santiago coloca em dúvida a conduta de sua esposa Capitu.





desafios da ruptura com um sistema calcificado e engendrado, inclusive culturalmente, para domesticar os corpos e mentes. Se entendermos domesticar como tornar educado para o convívio social, não se aplica, então, vale ressaltar que a domesticação no sentido aqui empregado está mais relacionado a conformar e gerar adaptação. Quando se domestica um animal selvagem, procura-se mudar a sua natureza para que ele aja como se espera. Adaptar-se, então, torna-se uma questão de sobrevivência.

No poço todos são livres, afirmar-se-á em determinado momento da trama, esse centro de referência de fé, é um porto seguro para a ilusão de que há alternativas. Mas a mais óbvia é tentar sobreviver – “A fome liberta a loucura em nós”, afirmará Trimagasi – , abrindo mão da ideia de ser social para um ser vivo, o canibalismo surge como alternativa, isto é, em condições extremas o ser humano faz o que é preciso para viver e se lançar à sorte no próximo mês.

No ponto máximo da associação entre delírio e razão, Goreng entende que a mensagem é a criança, uma nova geração, uma possibilidade de mostrar à Administração que os sujeitos daquele lugar não se colocam apenas em estado de exclusiva submissão, pois a menina, com um dom, é a síntese de que há esperança profética em um futuro novo. Seria possível em meio a um sistema estrutural e desconcertantemente desigual? Não sabemos se o personagem está tomado da razão ou do delírio, mas a instituição retratada faz com que olhemos para o espelho.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Os professores e o currículo**: abordagens sociológicas. Lisboa: Educa, IAG – Artes Gráficas, 1999.

ARENDT, Hanna. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Brasília-DF: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2017.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (orgs). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1994. p. 15-22.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.



CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia (orgs). **Os sentidos da democracia**: políticas do dissenso e hegemonia global. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1 ed. Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. In: DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Os irmãos Karamazov**: texto integral. Série: Coleção a obra prima de cada autor. Série ouro; 26. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Turim: Einaudi, 1975.

HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 6 ed., 2010.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.

MARX, Karl Heinrich. **Crítica ao Programa de Gotha**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para e-book, 1999.

NAPOLITANO, Celso. Os tortuosos caminhos de uma mina de dinheiro. In: MARINGONI, Gilberto. **O negócio da educação**: as aventuras das universidades privadas na terra do capitalismo sem risco. São Paulo: Olho d'Água, 2017. p.11-26.

**Recebido em: 12 de maio de 2020.**

**Aprovado em: 24 de agosto de 2020.**